



Teoria Marxista do Partido Político

Guilherme Lora



POR | Partido
Operário
Revolucionário

 **EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS**
MASSAS

Índice

| | |
|--|----|
| Apresentação | 3 |
| 1. Aspectos gerais | 5 |
| 2. Teoria Marxista do Partido Político | 8 |
| 3. Papel do partido revolucionário | 16 |
| 4. Interrelação dialética entre classe e partido | 22 |
| 5. Tática e estratégia..... | 32 |
| 6. Estrutura do partido | 37 |
| 7. O lugar da crítica e da autocrítica | 51 |
| 8. Relação entre organização e programa | 53 |

Apresentação

Estamos em atraso com a publicação deste folheto, Teoria Marxista do Partido Político, de Guillermo Lora. Trata-se da exposição, elaboração e desenvolvimento da concepção marxista-leninista do partido. Baseamos a tradução na edição de 1985, quando o POR boliviano completava 50 anos de existência. O seu longo percurso permitiu que o dirigente Guillermo Lora demonstrasse a importância decisiva das noções sobre o partido revolucionário, formuladas principalmente por Marx, Engels e Lênin na luta por tornar a classe operária em classe consciente, classe capaz de sepultar o capitalismo e edificar a sociedade comunista.

Não se trata de uma simples exposição de suas formulações, mas de aplicação no trabalho de construção do POR na Bolívia e demonstração prática da vigência do marxismo-leninismo. É preciso observar que o POR é trotskista, considerando o trotskismo como continuidade do marxismo-leninismo. Está aí por que Lora referiu-se à incompreensão de Trotsky, até 1912, sobre as posições de Lênin em torno da natureza centralista democrática do partido revolucionário. Incompreensão que foi superada pelo reconhecimento de que Lênin estava certo. Isto lhe permitiu não apenas assimilar a teoria leninista após 1912, como também aplicá-la e desenvolvê-la na luta contra a degeneração estalinista do bolchevismo e do Estado operário. Lora destaca, nesse sentido, a crítica e autocrítica como indispensáveis ao partido do proletariado. A contribuição de Trotsky em sua luta contra o centralismo burocrático e a imposição e deformação da autocrítica pelo estalinismo aos seus opositores enriqueceu a concepção leninista do

partido. O leitor se deparará também com as observações sobre os erros de Rosa Luxemburgo, no capítulo Estrutura do Partido.

Muito se discutiu em torno do livro “Que Fazer?” de Lênin, em sua luta por transformar a socialdemocracia russa em um partido de militantes profissionais, disciplinado e centralizado, principalmente entre os revisionistas do trotskismo. No entanto, o folheto de Lora passa longe das polêmicas diletantes, uma vez que discute a teoria marxista do partido no processo de construção do partido do proletariado na Bolívia. Estamos diante de um exemplo de como a ciência do proletariado é assimilada na longa luta pela construção do partido como instrumento da revolução proletária.

Da explicação inicial de como e em que condições surgiram o partido proletário e os primeiros germens da teoria marxista do partido até as conclusões finais sobre a relação entre a organização partidária e o programa, vemos que Lora se empenha em mostrar as fraquezas e as fortalezas do POR boliviano em seu trabalho organizativo no seio do proletariado. Demonstra que a concepção marxista do partido não é um modelo ou uma fórmula universal e mecânica. Como concepção, revela as leis da política que permitem ao proletariado assimilar o programa e a teoria por meio de sua vanguarda. Evidencia que somente o marxismo pôde e pode estabelecer uma concepção científica do partido, uma vez que se assenta no socialismo científico e revela todos os aspectos da sociedade de classes.

Não por acaso, Lora dá grande importância à relação entre o partido e as classes, o partido e o Estado e o partido e a revolução e a contrarrevolução. Não se pode construir o partido do proletariado sem a concepção e os métodos elaborados pelo marxismo.

A militância que luta por constituir o partido está obrigada a entender, assimilar e aplicar rigorosamente a teoria marxista do partido. Lora mostra que é neste trabalho incessante e paciente que os revolucionários se deparam com os problemas programáticos e organizativos, com as divergências e cisões, bem como com as fusões. Se deparam com os métodos de construção e com a centralização e a democracia. Enfrentam a difícil tarefa de constituir quadros práticos e teóricos no seio do proletariado.

O folheto Teoria Marxista do Partido Político, na realidade, resultou de um curso ministrado em 1980 na Faculdade de Economia da UMSA, em La Paz.

Editamos, agora, no momento em que realizamos uma escola de quadros no Nordeste, que terá como tema a teoria marxista do partido e a construção do POR no Brasil.

11 de julho de 2016

1. Aspectos gerais

O partido político, como o que conhecemos agora, aparece no século XIX. Antes disso, podem-se encontrar organizações de outro tipo, umas com algumas ideias programáticas e outras que têm alguma vigência, apesar de sua extrema debilidade ideológica. Trata-se de uma organização permanente, ideologicamente homogênea e que expressa interesses de classe, de maneira franca ou encoberta.

O partido operário aparece em certo momento do desenvolvimento do capitalismo, que criou a grande fábrica e deu lugar a grandes concentrações de trabalhadores. O desenvolvimento do proletariado colocou a necessidade da conquista do poder, como caminho de sua libertação. De forma que a estruturação do partido político se apresenta como uma necessidade histórica inadiável.

O partido político é um fenômeno superestrutural que aglutina uma coletividade ao redor de um programa e ideias homogêneas; é uma organização permanente e de atividade contínua, não pode ser ocasional. Além disso, tem uma estrutura organizativa nacional. Esta é uma descrição superficial do partido, mas não sua essência.

De maneira geral, o partido político expressa os interesses de classe, o que não quer dizer que os partidos obriga-

toriamamente comecem proclamando que representam a tal ou qual classe. Não. Somente os partidos revolucionários dizem isso, os outros proclamam que representam a toda a nação, a todo o país, etc. No entanto, por trás dessa afirmação deliberadamente genérica e abstrata, há que se revelar que interesses de classe predominam em sua conduta diária.

Há partidos que são policlassistas e apesar disso representam o interesse de alguma das classes em seu interior. Na Bolívia, houve exemplos de partidos policlassistas, por exemplo: o PIR e o MNR. O MNR proclama ser o partido das quatro classes sociais. No entanto, sabemos que representa os interesses da burguesia nacional, isto é de uma maneira mais clara que o PIR. Estes partidos policlassistas têm seu antecedente no distante Kuomintang chinês, um partido nacionalista fundado por Sun Yang Tsen e depois dirigido por Chang Kai Shek. O APRA do Peru disse abertamente à sua época se inspirar no Kuomintang chinês. Tal manifestação política do policlassismo teve muita influência na esquerda boliviana, inclusive na que se considerava marxista. Em resumo: seja qual for a modalidade que assuma, os partidos expressam sempre um interesse de classe e são os instrumentos que as classes sociais usam para a sua atuação política.

A forma do partido de massas e toda a teoria sobre ele se devem à aparição da classe operária e à sua manifestação no cenário político. São os primeiros partidos socialistas que colocarão esta modalidade programática e organizativa do partido político, sobre tais características a teoria será elaborada. Os partidos socialistas no século XIX foram grandes movimentos de massas e travaram uma grande batalha para conquistar o sufrágio igual e universal, assim como a materialização de melhores condições de vida e de trabalho.

Parece estranho que esse instrumento da classe operária para se realizar como classe governante, isto é, para tomar o poder, iniciasse assim em torno do problema do voto

universal e igualitário. O primeiro partido político que a classe operária conhece é o partido inglês conhecido como Cartista, o qual se estrutura em torno de uma “carta” (daí o seu nome) em que se reivindicavam alguns benefícios no manejo do sufrágio em favor dos operários. Uma vez que nesse momento, na Inglaterra, o voto estava subordinado à renda e à propriedade privada dos cidadãos, os operários estavam relativamente marginalizados do uso do voto.

Na Bolívia, também temos conhecimento das tentativas democráticas que praticamente se circunscreveram aos círculos da classe dominante e de alguns de seus seguidores. O voto unicamente alcançava ao artesanato e a alguns núcleos proletários. A massa camponesa, os dois terços da população, viveu marginalizada dos supostos benefícios eleitorais. Os teóricos da feudal-burguesia estavam seguros de que o homem do campo carecia de aptidões para eleger politicamente a seus porta-vozes ou para expressar os interesses de sua própria classe. Há que se excetuar a esquerda liberal, que lutou por incorporar a massa camponesa ao jogo eleitoral, coisa que já aconteceu no Peru desde o início da república. Depois de 1952, foi ditada a Lei Eleitoral, qualificada como a lei do voto universal. A verdade é que o nacionalismo de conteúdo burguês se limitou a impor a semicidadania para a maioria camponesa analfabeta e deliberadamente impediu ao proletariado se expressar politicamente perante as urnas: seu pensamento e sua luta acabaram sendo diluídos à margem da maioria explorada, mas não assalariada.

A existência e evolução do partido político revolucionário expressam, a seu modo, o problema da consciência de classe, em certo nível acabará se identificando com esta e atuando como motor de seu posterior desenvolvimento.

2. Teoria Marxista do Partido Político

No início, os próprios operários pensavam que seu partido devia ser um partido de grandes massas e somente mais tarde chegaram à conclusão de que o partido político da classe operária, não todos, senão o partido revolucionário, somente podia ser a vanguarda da classe organizada, um quadro minoritário. Quando se acompanha o pensamento de Karl Marx, de Friedrich Engels, pelo menos desde o ano de 1844 até a época da dissolução da Primeira Internacional (AIT) ou a fundação da Socialdemocracia, constata-se que eles não tinham uma ideia muito clara e foram aperfeiçoando sua concepção de partido à medida que a classe operária evoluía politicamente e acumulava experiência. No Manifesto Comunista, por exemplo, se diz: *“a classe operária organizada como classe, ou seja, como partido político”*. Aqui “partido” pareceria ser sinônimo da massa operária em seu conjunto. Marx escreve em 1847 para a Liga Comunista, que era um pequeno círculo internacional formado por artesãos, e analisa para onde caminha a classe operária, essa classe tão incipiente. Marx e Engels, mais tarde, dirão: a situação atual do capitalismo criou uma grande massa, tem-na diferenciado e transformado em trabalhadora e o próprio capitalismo tem imposto a esta massa trabalhadora interesses comuns. Todavia,

não é mais que uma classe “em si”, ainda não está diferenciada, só vai se diferenciar quando se tornar uma classe “para si”, quando colocar seus próprios interesses, seus próprios objetivos, precisamente contra a burguesia.

Na Bolívia, antes da Guerra do Chaco, os partidos socialistas e operários foram confundidos ou identificados, deliberadamente, com os sindicatos. Acreditou-se equivocadamente que dirigiam as massas, quando na verdade se encontravam dissolvidos no seio destas. A prova está em que não conseguiram sobreviver. Não realizavam trabalho político, senão tarefas puramente sindicalistas. Não tinham necessidade de programa e este era considerado como uma simples declaração sem importância; careciam de atividade própria e independente, seguiam as massas em todas as etapas de sua evolução, como um simples eco dos avatares do sindicalismo.

O “Manifesto Comunista” expressa que a classe operária, para colocar seus próprios interesses, tem de se diferenciar dentro da sociedade, inclusive dos outros trabalhadores, dos outros explorados; é uma classe que está composta por trabalhadores e explorados muito particulares, com objetivos também muito particulares. Mas, nesse momento, Marx parece não indicar com precisão que esta consciência e esta diferenciação se concentrarão na vanguarda, está falando de uma forma muito geral, indicando que quando a classe operária se estruturar como classe consciente estará estruturada como partido, não se refere a que este partido será uma minoria da classe. Entretanto, tampouco indica (talvez porque não era o propósito dos clássicos) que a classe operária mais consciente terá sempre em seu seio uma grande massa inconsciente, e não diz também que a classe operária integralmente, em todas as suas camadas, alcançará a consciência de classe. É uma classe muito heterogênea, como todas as classes sociais: uma pequena vanguarda avançada que compreende a sua situação, o lugar que ocupa na sociedade, que se move no interior de uma grande massa indiferente, a qual só inte-

ressa maiores salários.

Em 1865, Engels indicou que o partido está constituído pela parte mais consciente da classe, por aquilo que nós chamamos de vanguarda, conceito que vai adquirir em Lênin seu ponto culminante. Lênin vai elaborar a teoria de que o partido é a organização política da vanguarda da classe, que é a parte mais avançada e mais claramente diferenciada nos planos ideológico e político.

Não se pode esquecer que na Bolívia, a classe operária continua confundida com o artesanato e com os camponeses em sua vida diária, contém um amplo semiproletariado. Uma grande camada de nosso pequeno proletariado diminuto semicamponesa, durante uma parte de seu tempo semeia a terra, seu lote e, na outra, é assalariada, emprega-se na construção, nas minas ou nas fábricas. O operário fabril de La Paz, em sua grande maioria, é também artesão, depois das oito horas de trabalho deixa a fábrica, vai para casa e faz trabalhos artesanais; não está claramente diferenciado como classe. Estas camadas semiproletárias são retardatárias, não podem expressar os interesses do proletariado. Na realidade, elas transitam de sua classe de origem ao proletariado, atraídas pelo salário, que para elas é uma remuneração muito alta, mas para o proletariado é muito baixa (se compararmos o nível de vida do campo e da cidade, inclusive as fábricas, vemos que o nível de vida do campo é miserável). O autêntico proletariado luta por necessidade contra os baixos salários, o semiproletariado não, porque, como temos indicado, pode ocasionalmente viver do produto de seu trabalho: ter uma colheita, trazer seus alimentos à cidade, vender os produtos de sua atividade artesanal.

Por estas razões, o partido – expressão da consciência de classe – não pode surgir destes setores tão atrasados, do seio destas camadas tão grandes da classe operária, se não somente de seu setor minoritário, de sua vanguarda. Assim, se depreende que o partido revolucionário tem de ser minoritário, não pode englobar toda a classe operária,

nem sequer no momento de sua vitória, porque, para isso, teria de abandonar seu programa. Outra coisa é que, nos momentos de grande agitação, esta pequena vanguarda arraste a grande massa operária radicalizada que excepcionalmente se funde com sua vanguarda; torna-se mais combativa, quer destruir a tudo que encontra pela frente, inclusive se movimenta mais ousadamente que seu estado-maior. Contudo, essa é uma etapa excepcional de grande radicalização e os operários não podem permanecer radicalizados sempre, se cansam e retrocedem.

Consequentemente, a consciência de classe se encontra na vanguarda, a qual não se constitui como partido automaticamente. Tem, todavia, que se organizar ao redor das ideias claras da política proletária; esta vanguarda organizada é o partido, que por sua vez é só uma parte da vanguarda. E, assim, o partido - que em determinada situação deve dirigir a nação oprimida, uma vez que esse é o destino do proletariado - é uma minoria da minoria, da classe minoritária que em nosso país é o proletariado.

O partido aparece em certo momento da evolução da classe operária, quando o desenvolvimento do capitalismo coloca a possibilidade de vir à tona a consciência classista. Isto é, quando o crescimento das forças produtivas dentro do capitalismo cria a classe operária, determina que seu trabalho se torne social, que se concentre em grandes fábricas etc. Não seria possível esperar um partido da classe operária com estratégia própria quando esta começava a se desenvolver por obra do próprio capitalismo. Em outras palavras, para aparecer a consciência de classe (o partido político), o desenvolvimento social tem de colocar de maneira evidente as tarefas históricas do proletariado, ou seja, o próprio capitalismo tem de dar origem às bases materiais da sociedade comunista, só então se colocará a urgência de estruturar a consciência de classe como uma necessidade histórica. Não por acaso, a classe operária nem sempre é efetivamente revolucionária, nem sempre tem a possibilidade de alcançar este alto nível.

A classe operária se expressa adequadamente através de seu partido revolucionário (não estamos falando dos partidos operários em geral), porque somente quando faz política conhece e elabora seus interesses gerais. Neste sentido, e não por englobar a todos os operários, é que o partido revolucionário é a classe. O sindicato expressa basicamente os interesses imediatos dos trabalhadores e os interesses particulares de certos grupos. Quando a classe se politiza, quando é penetrada pela ideologia antiburguesa, o sindicato funciona como um valioso auxiliar – somente auxiliar – do movimento revolucionário, como canal de mobilização das massas, mas em nenhum caso chega a ser direção revolucionária, o que quer dizer projetar os explorados ao poder e consolidar a sua vitória. Esta relação contraditória entre partido e sindicato se deve, entre outras coisas, à heterogeneidade ideológica deste último. Ao contrário, o partido é uma organização homogeneizada por seu programa, por isso atua como verdadeiro estado-maior do exército proletário.

Os partidos operários, que se organizam aglutinando diversas tendências ideológicas e sem a pretensão de lhes impor o programa revolucionário, podem servir como o caminho que conduz à construção do partido revolucionário. Em seu interior, a corrente marxista vai criando os núcleos do futuro partido revolucionário. Este trabalho de construção indireta da vanguarda da classe supõe a existência de um forte núcleo marxista que já é programa.

Dizer que a classe operária sempre é revolucionária, em todas as circunstâncias, é um erro grosseiro no campo do marxismo. É normalmente conservadora, respeitosa da lei, da propriedade privada e da autoridade que surgiu para dominá-la. Torna-se revolucionária quando adquire consciência de classe. O que ocorre é que a classe operária é instintivamente revolucionária, sua tarefa básica na atual sociedade é destruí-la. Por isso, é revolucionária, mas só como instinto, o que não se pode confundir com a bobagem de que sempre atua como classe revolucionária.

É uma adoração às massas dizer que os operários nunca se equivocam, que nunca estão à direita, que sempre fazem a revolução não importa em que momento. Não. Os operários podem estar do lado da contrarrevolução, da direita, à serviço da política burguesa e – isto precisa ser sublinhado – quase sempre o estão. Isto é muito importante para compreender por que o partido não pode surgir em qualquer momento, senão quando ocorre um certo grau de desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, do próprio proletariado, e quando este tem acumulado uma certa experiência em sua luta diária. O fato de que o proletariado apareça concentrado, muito numeroso, indica que o capitalismo se desenvolveu, e que se traduz em um elevado grau de experiência da classe realizada em suas lutas instintivas, é quando então pode surgir o partido político.

Mais ainda: somente quando o capitalismo alcançou certo grau de desenvolvimento é que pôde aparecer a teoria revolucionária; o marxismo é a teoria do século XIX e não do XVI, quando estão presentes as primeiras sementes do proletariado. Isto não é casual, a doutrina revolucionária surge porque o próprio capitalismo coloca a necessidade histórica da estruturação desta doutrina, coloca perguntas cuja resposta científica toca os problemas básicos do desenvolvimento social; trata-se de revelar as leis do desenvolvimento da sociedade capitalista - isso é marxismo. Da mesma forma, a possibilidade de estruturação do partido só vai ser colocada a partir de certo grau de desenvolvimento da sociedade capitalista. O desaparecimento do partido da classe operária também se dará quando o desenvolvimento das forças produtivas tenha alcançado um altíssimo nível. Como o proletariado está destinado a desaparecer para se realizar plenamente, nesse momento já não haverá a necessidade do partido político da classe operária. O partido é um fenômeno histórico.

Como a classe é heterogênea, pode dar origem a muitos partidos operários, mas somente um pode expressar sua consciência, ou seja, assinalar qual é a sua estraté-

gia, suas tarefas históricas. Não pode haver dois ou três partidos que o façam, caso se apresente essa situação, teriam necessariamente de se fundir. Disso resulta que os partidos operários com militância operária nem sempre expressam a política revolucionária, uma vez que assentem nas camadas atrasadas ou não consigam expressar a consciência de classe. É indispensável que exista o partido revolucionário da classe operária, que aponte a estratégia da revolução e ditadura proletárias, para que a classe operária se expresse como classe revolucionária. Pode haver muitos partidos com militância operária, mas somente um será revolucionário. O conteúdo de classe de um partido está determinado pela estratégia que sustenta, enfim, por seu programa.

Na história política da classe operária se encontram frequentemente casos em que o partido revolucionário conclui deslocando-se para o campo do inimigo de classe, ou seja, se aburguesa. A essência deste fenômeno está em que tais partidos mudaram de conteúdo de classe (estratégia, finalidade última programática), não raramente com o argumento de que as circunstâncias políticas obrigam a se limitar exclusivamente à execução de medidas táticas, caminho que conduz ao reformismo. Violentando os desejos dos quadros dirigentes, a mudança do conteúdo de classe é definitiva para um partido, mesmo que a classe em seu conjunto retorne do campo burguês para o polo revolucionário. Esta diferença se encontra em que a massa é instinto comunista e o partido político é a compreensão consciente dos processos políticos, enfim, é ciência. O instinto salva os explorados; os erros programáticos põem a perder as direções políticas e as empurram ao campo da contrarrevolução.

No espectro político boliviano, muitos partidos que se dizem operários não têm programa, é difícil saber o que querem, são empíricos, respondem mecanicamente de acordo com o momento e oscilam da direita à esquerda, porque não têm norte, são centristas. Esses partidos po-

líticos não podem encarnar a consciência de classe, que deve ser a expressão das leis de desenvolvimento da sociedade boliviana, ou seja, o programa; os outros, os que têm programa são os partidos estalinista e o trotskismo, quer dizer, o Partido Operário Revolucionário.

O que defendem? Os dois partidos estalinistas dizem: há que se realizar na Bolívia uma revolução democrático-burguesa, porque é um país semifeudal e deve-se instaurar um governo democrático, anti-imperialista e popular, que é um governo de todas as classes, embora democrático, ou seja, burguês. Democrático é sinônimo de burguês, devido ao fato de a burguesia, para se estruturar, organizou-se no quadro da democracia; e anti-imperialista significa que tem como objetivo último consumir a liberação nacional, que é uma tarefa democrática. Os modelos desses governos populares de liberação nacional são a UDP ou a Junta de Governo que sucedeu à contrarrevolução de julho de 1946.

Os partidos estalinistas acreditam, pois, que se dará um desenvolvimento capitalista pleno e livre da Bolívia no qual a burguesia “progressista”, como dizem eles (Siles Zuazo e Paz Entenssoro), cumprirá uma tarefa verdadeiramente revolucionária. Estes partidos podem expressar os interesses imediatos da classe operária, mas tudo nos marcos burgueses, para eles os interesses históricos da classe não existem.

O Partido Operário Revolucionário defende que a estratégia na Bolívia e o caminho para resolver seus problemas estão em consumir a revolução e ditadura proletárias. Há um abismo fundamental entre as duas correntes. Se o partido revolucionário é ou não majoritário no seio da classe operária é motivo de outra análise.

3. Papel do partido revolucionário

O marxismo ensina que o capitalismo determinou o surgimento de uma particular massa de trabalhadores, tem-lhes transformado exclusivamente em força de trabalho e criou alguns interesses comuns: luta por melhores salários, por melhores condições de trabalho etc. Esta massa de trabalhadores existe fisicamente e quando se movimenta às vezes o faz a serviço de outra classe, é o que se chama “classe em si”, utilizando a terminologia de Hegel, ou seja, que existe simplesmente como um produto do desenvolvimento capitalista. O capitalismo, por sua vez, desenvolveu as forças produtivas tornando possível o surgimento da consciência de classe, isto é, uma classe que expressa seus próprios interesses, essa é a consciência de classe.

O processo de formação da classe, então, vai da “classe em si” à “classe para si”, sendo esta última a classe consciente, diferenciada do resto da sociedade. Só esta classe consciente pode se realizar como classe e a sua realização supõe seu desaparecimento, se dissolverá na sociedade comunista. Mas só se é classe consciente, pois só assim pode cumprir sua tarefa histórica e destruir a sociedade burguesa que se baseia em sua exploração.

Em resumo: o que é a consciência de classe? Como se pode saber quais tarefas deverá cumprir a classe operária?

Pode-se através do conhecimento das leis do desenvolvimento da sociedade, como dizia Marx: “*conhecer a anatomia econômica do capitalismo*”, para saber como funciona, até onde vai de acordo com as suas próprias leis, e não obedecendo à vontade do político ou do teórico. Esta é uma tarefa científica. Quando se estuda um fenômeno de acordo com as suas leis, isso é ciência, no caso, a ciência social. Portanto, o elemento constitutivo do surgimento e desenvolvimento da consciência de classe é a ciência social, o marxismo.

Assim se compreende que a mobilização de rua não pode nos levar ao conhecimento do desenvolvimento das leis da sociedade. Isso faz parte da formação da classe, mas o proletariado pode intervir em múltiplas batalhas sem compreender quais são essas leis da sociedade e da própria classe operária, esse é um trabalho científico. Partindo dessa evidência, Lênin afirmava em sua obra “O que fazer?” que a atividade espontânea dos operários é puramente sindical, não pode gerar a consciência socialista (isto é, a política socialista), gera tão somente a consciência sindicalista. A consciência de classe não pode surgir de maneira espontânea nas fileiras operárias como resultado de sua simples atividade imediata. O imediatismo (inclusive as correntes puramente sindicalistas) não contribui na estruturação da classe nem da política revolucionária, somente pode gerar uma política economicista, chamada por Lênin de *tradeunionista*, sindicalista.

De onde vem a consciência de classe? Vem necessariamente de fora, não como se deu no processo de transformação da classe, mas sim do elemento básico deste processo, ou seja, da análise científica das leis de desenvolvimento da sociedade. Esse trabalho é próprio de um contingente de intelectuais, trabalho em que excepcionalmente podem participar os operários que leem livros, se intelectualizam. Assim, surge o esboço do programa partidário, que sintetiza o conhecimento da realidade do país, da classe operária e de suas experiências.

A classe operária em seu conjunto, incluindo a sua vanguarda, não lê os livros. Aprende de outra forma, através de sua prática diária, com as mãos – pode-se assim dizer. Isso não quer dizer que não se encontrem camadas operárias que leiam ou mesmo operários que são teóricos, mas estes são exceção. De tal modo que quando se diz que o elemento constitutivo, o gérmen, o fermento da consciência de classe vem de fora, não estamos indicando que os operários não participem do processo. Podem participar, mas a atividade de investigação científica se realiza à margem da prática diária e instintiva da classe operária. Pode-se tomar o exemplo da Liga dos Comunistas, uma mescla de operários e intelectuais - como é, na prática, todo núcleo que se dedica aos problemas políticos da classe operária -, que atuava desde fora da classe nesta tarefa de descobrir como era a realidade e a estrutura do país e quais eram as suas leis de desenvolvimento e transformação.

Como assinalamos, a consciência de classe virá de fora, como atividade científica. Mas, o que é que é que virá? Trata-se da análise da estrutura econômica da sociedade e a revelação de suas leis, portanto, quais são as tarefas históricas da classe operária. Como isto independe da consciência ou ausência de consciência do proletariado, pode-se estabelecer no campo da investigação científica e dizer que a sociedade tem se desenvolvido com tal finalidade, para um tipo de revolução e governo, processo em que as classes sociais jogarão um determinado papel; a classe operária será ou não a vanguarda revolucionária; o campesinato será ou não o ponto de apoio ao movimento operário que o conduzirá ao poder; a burguesia cumprirá ou não um papel revolucionário ou reacionário etc. Tudo isso se estabelece no campo da investigação científica e é plasmado no programa político. Portanto, o que virá de fora é o programa político, que em síntese nada mais é do que a expressão dos interesses históricos da classe operária, de seus interesses gerais. Dessa maneira, o programa político, que pressupõe um conjunto de militantes que o

estruturem e que se organize em torno dele, isso já é o partido. Não pode haver um partido sem um programa.

Resumindo, só pode haver um partido da classe operária se há um programa, se este expressa os interesses históricos do proletariado ou lhe nega uma participação revolucionária na sociedade. Quaisquer que sejam suas proposições, esse partido existe quando é programa; e quando não o é, é só uma intenção, poderá se transformar ou não em partido mais tarde, não sabemos, mas quando existe como programa já é partido.

Por que dizemos que o programa já é partido? Na realidade, o que queremos indicar é que esse programa e aqueles que estão ao seu redor constituem uma tendência de partido; se vai se efetivar ou não é outra questão, mas são uma tendência. Da mesma maneira que o proletariado é instintivamente revolucionário, que pode ou não jogar um papel revolucionário, tudo depende que tenha consciência de classe, caso contrário não jogará esse papel. Quando vai se tornar efetivamente partido? Este programa, que já é tendencialmente partido, quando vai cumprir realmente o papel de partido? Quando o programa, que é a ideia (e esse é o momento no qual pareceria desviar do conceito materialista, porque a ideia resulta mais importante que a economia), se encarna, se assenhora das massas, torna-se ação, em força material. Não quando se encarna somente na elite investigadora da ciência social, mesmo que esse trabalho seja insubstituível. Não pode haver consciência nem atividade política se não há a mediação desse trabalho científico. Ou seja, aquilo que Lênin expressou em sua famosa fórmula: *“sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária”*, não o inverso, como dizem os foquistas.

Quando a ideia se encarna nas massas, o programa se converte em força material, em ação; será a força material que contribuirá para transformar a sociedade. Ao se assenhorar das massas, passa a transformá-las de “classe em si” à “classe para si”; de massa espontânea e instintiva em protagonista consciente da atividade política. Esse proces-

so de transformação de “classe em si” à “classe para si” não pode se dar de forma imediata, só pode se realizar graças à mediação do partido político, do programa. Se a ideia tem de converter-se em ação, em força material, primeiro tem de existir a ideia (o programa do partido), caso contrário, não há possibilidade de estruturar a classe operária como tal, do surgimento e evolução de sua consciência. A classe operária não cumprirá sua missão histórica; mais ainda, o proletariado não se realizará como classe revolucionária.

Marx disse: “*ou o proletariado é classe revolucionária ou não é*” e antes disso indicou: “*a classe organizada como tal, ou seja, em partido político*”. Como conclusão, diremos que, se o proletariado não é partido, não protagoniza a atuação revolucionária, não se realiza como elemento revolucionário, não é propriamente classe, somente permanece como tendência. Por sua vez, se o partido não penetra no seio das massas e se seu programa não se converte em ação, em força material, esse partido tampouco se realiza, simplesmente fica como tendência.

Nesta matéria, a posição contrária à ideia de Lênin no campo marxista foi a de Rosa Luxemburgo e, em certa medida, a de Trotsky (em sua primeira época). Para Rosa Luxemburgo, a teoria revolucionária e a política socialista (para ela, nesse momento, a política socialdemocrata) só eram consequência da atividade massiva da classe operária, isto é, da espontaneidade. Era, em certa medida, espontaneísta e dizia: “*a teoria (uma atividade subjetiva) é uma consequência da atividade objetiva, dos fatos que se dão na vida diária...*” Sim, é a base, mas a teoria permite superar a prática. No entanto, a consciência de classe não é um reflexo mecânico e imediato desta realidade objetiva. Tem de ser o reflexo na classe operária desse processo objetivo, que só pode se dar através da atividade mediadora do partido.

Trotsky pensou inicialmente que a concepção de Lênin era uma concepção jacobina do partido político, ou seja, uma concepção que substituía a classe por uma pequena

elite e depois a elite pelo secretário geral. É conhecida a frase tanto de Rosa Luxemburgo como de Trotsky quando diziam: *“esse é um partido ditatorial frente às massas e, além disso, é um partido subordinado a outro ditador, que é o secretário geral”*. Um partido pode degenerar nisso, mas a função histórica na formação da classe operária só pode ser cumprida por este tipo de partido, porque o elemento da consciência vem de fora para dentro e pelas características do proletariado. Mais tarde, Trotsky vai dizer: *“Lênin tinha toda a razão no problema do partido político, eu estava totalmente equivocado, foi meu erro”*. Como era de se esperar, esse erro se refletiu em relativa inoperância no campo revolucionário; foi a parte negativa do pensamento de Trotsky. Há que acrescentar que ele se superou criticamente. Rosa Luxemburgo não seguiu este caminho. Quando estava para ser fundada a III Internacional, ela se opôs nas discussões prévias à estruturação do novo partido mundial do proletariado. Igualmente ocorreu com a fundação da IV Internacional, quando muitos trotskistas abandonaram esse projeto por considerá-lo inoportuno, suspeitavam que não seria uma organização de massas.

4. Interrelação dialética entre classe e partido

Temos dito que o partido é a vanguarda organizada do proletariado, é seu destacamento mais consciente, mas continua sendo uma parte da classe: há uma interrelação entre a maioria da classe e sua vanguarda. Não são iguais e nem sempre coincidem, normalmente estão separados e às vezes em conflito. Pela mesma razão, não se pode simplesmente identificar o partido com a classe em qualquer instante. O partido, por exemplo, não pode representar a classe inconsciente, a classe instintiva.

Na interrelação entre classe e partido, este último joga um papel concreto em seu empenho por converter seu programa em força material: transformará a classe, essa é a tarefa básica do partido revolucionário. Em que sentido? Como vimos, transformá-la de “classe em si” para “classe para si”, de classe instintiva em classe consciente, é por isso que tem de ser programa, ideia. Novamente, vemos que neste instante (no qual o desenvolvimento futuro das forças produtivas depende de que a revolução social seja consumada), a ideia adquire uma transcendental importância; se não se produz esta transformação da classe revolucionária, não se poderá esperar um maior desenvolvimento das

forças produtivas, porque não haverá uma mudança nas relações de produção (na forma da propriedade). A possibilidade de transformação da estrutura econômica depende de que a ideia penetre nas massas. Nessa circunstância concreta, a ideia aparece como a expressão concentrada da economia, a superestrutura reage decisivamente sobre a estrutura econômica, sem que isto queira dizer que a superestrutura não dependa desta, em última instância. Não teria sido possível conceber o partido – a ideia programática –, se não tivesse ocorrido um determinado desenvolvimento na estrutura econômica.

Em resumo, se a classe é só instinto, não tem ideias revolucionárias, não sabe quais são os interesses gerais, repete as ideias burguesas, segue a diferentes setores da classe dominante. Para se expressar politicamente, para defender seus interesses, o proletariado tem de se converter em classe consciente, ou seja, em partido político, sendo este último o que cumpre essa tarefa. Por isso, sem partido revolucionário não pode haver revolução social, nem política revolucionária. Disse Lênin: “*sem teoria revolucionária não há ação revolucionária*”.

Agora vejamos a interrelação classe e partido. O partido vai realizar sua prática revolucionária sobre a classe. Este é um dos elementos fundamentais na teoria do conhecimento marxista, só se atinge o conhecimento através da prática. Mas, esta não é contemplativa, a prática objetiva transformar o fenômeno sobre o qual atua - nesse caso, a classe. Conhece o que é a classe através da ação sobre ela para transformá-la. Por exemplo, a práxis (prática) sobre a natureza: conhecer o que é a natureza através da atuação sobre ela, descobrir suas leis para transformá-la, para colocá-la a serviço do homem. Então, é a ação para conhecer e transformar, é ativa, por isso se chama prática revolucionária. Porém, há uma relação dialética entre o sujeito que está atuando sobre um determinado objeto, entre ambos se estabelece uma interrelação (o homem é produto da natureza e a transformação da natureza é produto da ação

do homem). Consequentemente, ao transformar a classe, esse elemento ativo que está atuando sobre o fenômeno, por sua vez, se transforma, não é uma relação unilateral, mas recíproca. Nas “Teses sobre Feuerbach” o jovem Marx (1844) indica: “*o educador também tem de ser educado*”. Em síntese, esta transformação (da classe) determina a transformação do partido.

Para o partido, a ação sobre a classe para modificá-la é a sua prática revolucionária. Age sobre a classe em seu conjunto e ao agir sobre a classe com o auxílio do programa, passa a conhecer a classe. O partido não poderia atuar sobre uma determinada classe de um país se não conhecesse sua história e até a sua psicologia, se não conhecesse seu instinto e a história de sua prática diária, se não estabelecesse a influência internacional. Neste processo de transformação da classe, o partido também se transforma, conclui como outro partido. Em que medida se opera essa transformação? O partido tem no programa seu instrumento mais valioso, este programa (de onde se enuncia a estratégia da classe) é somente um prognóstico, não é a priori e por princípio a verdade. É uma presunção pequeno-burguesa dizer “*minha conclusão teórica é a verdade*”. Vai-se provar o que é verdade ou não na prática, a história vai corroborar ou rechaçar o prognóstico. Os programas têm de se ajustar à prática histórica; se correspondem à estrutura da sociedade, resistem à prova dos acontecimentos, a história é a sua pedra de toque; se contrariam o desenvolvimento da história são imprestáveis, tem de mudar o seu curso ou o partido se destroça, deixa de servir, não funciona.

O melhor dos programas é, necessariamente, sempre um programa relativamente imperfeito, há uma distância entre a dedução teórica da experiência e a própria prática, aquela tem de se ajustar a esta. Um exemplo: sem dúvida, na história política da Bolívia a proposição estratégica que mais se aproxima da estrutura do país é a trotskista. Contudo, seu programa inicial era tremendamente imperfeito, porque não compreendeu que se tratava de um país capitalista atrasado,

não pôde assinalar com precisão que o objetivo era uma particular revolução proletária. Em alguns momentos, parecia que estava defendendo uma revolução puramente socialista (utopia ultraesquerdista em um país atrasado), ou uma revolução democrática, que é um desvio reformista. Apesar do grande atraso e confusão do marxismo acerca da análise da experiência dos países atrasados, o trotskismo boliviano não pôde em seu primeiro prognóstico penetrar na essência da estrutura econômica boliviana, só atinge essa finalidade quando se enfrenta com a classe e tem de conhece-la e transformá-la, pois, se vê obrigado a dar uma interpretação cabal da estrutura econômica do país. Portanto, essa transformação do partido se refere ao ajuste programático, que é necessário para que se coloque à altura da classe, que avança na evolução de sua consciência.

Por exemplo: o arquiteto da revolução proletária de 1917, Lênin, se não cometeu um grande equívoco, pelo menos não viu com toda clareza o problema quando fez seu primeiro prognóstico acerca do desenvolvimento revolucionário da Rússia (em 1903). Pensou que era possível um governo democrático de operários e camponeses, ou seja, colocou um governo de tipo burguês com a missão de realizar as tarefas democráticas (solução do problema agrário), de se deter no limite burguês. Estava seguro da estruturação dos camponeses em partido político independente, o que permitia esperar que desenvolvessem sua própria política de classe. Foi preciso a atuação sobre a realidade da classe e do país para que Lênin dissesse, em abril de 1917, que havia que se orientar para a ditadura do proletariado, que é a verdadeira estratégia da classe operária. O próprio Lênin, esse admirável dirigente da revolução russa, precisou de uma experiência de treze anos para chegar a essa conclusão. Na Rússia, não era tão fácil chegar a esse resultado: tratava-se de uma revolução inédita em um país atrasado, com uma minoria proletária e uma maioria camponesa; havia muitas questões não resolvidas no campo da teoria e da história. É explicável que o prognóstico programático pudesse não

corresponder cem por cento com a verdadeira realidade, ou seja, com as leis obscuras do desenvolvimento da história.

A transformação do partido implica num ajuste programático, estratégico e tático; ambas as coisas têm relação, sobretudo, com a mecânica das classes sociais de um determinado país. Qual é a relação entre as classes, quem dirige quem, como atuam as classes entre si? – essa é a mecânica das classes. Mas, além disso é uma transformação do partido em sua estrutura interna como organização. O grupo portador da ciência social é um grupo pequeno com muitos vícios, próprios dos círculos de intelectuais, e para ser o fermento da transformação tem de se vincular com a classe, isto é, tem de criar os canais que unam a classe a essa magnífica vanguarda, a esse conjunto de estudiosos que sozinhos não podem transformar ninguém. O partido tem de atuar sobre a classe, sobre a massa obscura; para isso, tem de formar seus primeiros quadros operários, senão não poderiam atuar no seio da classe. Como pode fazê-lo? Com a falação dos intelectuais? Com os discursos dos estudantes? Com os boletins? Não, tudo isso é auxiliar, a única forma de atuação do partido na massa é através de seus militantes operários organizados em células no local de trabalho. Para isso, o partido terá de incorporar os elementos da vanguarda proletária, transformá-los em revolucionários profissionais.

O partido é uma escola em cujo seio estudantes e operários deixam de ser, em certa medida, estudantes e operários, para adquirir a categoria de revolucionários profissionais. Os estudantes têm de abandonar a sua arrogância pequeno-burguesa, seu individualismo, seu arrivismo, seu paternalismo frente aos operários ignorantes e estes, por sua vez, têm de aprender a pensar, superar a cretinização do trabalho, libertar-se da bestialização do trabalho capitalista (ficar oito horas preso a uma máquina fazendo a mesma operação), têm de pôr para funcionar a cabeça, aprender a generalizar. Nessa medida, ambos vão se transformando neste trabalho criador no seio da classe.

Em resumo, o partido em sua grande prática revolucio-

nária vai se transformando ao transformar a classe, programática e organizativamente, varia inclusive a sua composição social. Não pode haver um partido operário sem militantes operários, deve estar enraizado na classe operária, porque tem de conhecer as palpitações diárias da classe, saber como esta se move. Esse trabalho político somente se pode fazer com a ajuda dessas antenas, que são os operários revolucionários metidos nos locais de trabalho. O partido tem de adquirir uma base social operária, isso não quer dizer que tenha de expulsar os estudantes, camponeses ou elementos da classe média, ou lhes obrigar a vestir macacão etc. (desvios que obedecem ao desespero e isolamento de alguns grupos). Não. Os não proletários vão se proletarizar ideologicamente quando se identificarem com os interesses da classe operária, vão se desapegar de sua origem; mas, por sua vez, para isso têm também que deixar de ser pequeno-burgueses, por exemplo. Para se converterem em revolucionários, têm de deixar suas aspirações carreiristas de pequeno-burgueses, têm de superar seu individualismo e sua arrogância de intelectuais seguros de serem portadores da verdade. A verdade vai sendo extraída dessa ação recíproca entre a classe e o partido, ou seja, da atividade revolucionária diária.

O partido vai se transformar ao transforma a classe. Se não se compreende isso, não se compreende o processo político da classe operária e menos ainda a formação do partido revolucionário. É necessário sempre observar a ação recíproca entre partido e classe.

Contudo, o que é o partido e o que é a classe? Leon Trotsky, em uma obra sobre a revolução espanhola intitulada “Classe, partido e direção”, polemizando com um teórico francês arrogante, que indicava que o proletariado espanhol era imaturo para a revolução, diz: *“Mas como se pode dizer isso? Quando é madura ou imatura a classe? E quando a direção é madura ou imatura? Se se trata de um processo em constante transformação, de uma dinâmica totalmente suscetível a mudanças sob o impulso desse elemento que muda*

rapidamente que é a consciência de classe e da interação entre a massa e a direção, é claro que ambos são hoje uma coisa diferente em relação ao que serão amanhã". Consequentemente, essa interrelação é a que explica não somente a evolução da classe ou a transformação da "classe em si" à "classe para si", senão também a transformação do partido até chegar a ser direção efetiva das massas, não somente da vanguarda, mas do conjunto da classe. Nesse assunto, é preciso rechaçar todo esquema rígido, fixo e imutável e a sustentação de que tal classe ou tal partido estão dados de uma vez por todas. Não, ambos se encontram em constante mutação e o elemento básico dela é o partido político. As organizações partidárias que permanecem estancadas são ultrapassadas pelas massas e acabam desaparecendo. A história boliviana é repleta de exemplos a esse respeito.

Agora vejamos a interrelação de como se condicionam mutuamente os elementos. Quando o partido tenta penetrar na classe (seu destino é esse, transformar a classe, agir sobre ela), esta pode rechaçá-lo. Este é o primeiro problema que se apresenta para concluir que não se deve tomar a classe operária como uma força social que sempre atua revolucionariamente, porque então se teria de perguntar: por que se dá esse rechaço? Por que, por exemplo, a classe adota uma posição apolítica? Na história da classe operária, há períodos de predomínio do apoliticismo e é então que as portas permanecem fechadas para os agitadores "extremistas", assim chamam aqueles que vão com o programa divulgar a ideologia revolucionária aos operários. Os libertadores da classe são colocados por esta à margem. Por que isso ocorre? Por que os explorados não alcançam a compreensão do programa? Fecham-lhes as portas de suas organizações, porque carecem de um mínimo de experiência em sua luta cotidiana, porque através desta não tem chegado a conhecer o que são os partidos das outras classes. Por exemplo, quando a classe operária esteve dentro do Partido Liberal, os socialistas bolivianos eram universitários e os operários defendiam até a morte a doutrina liberal (doutrina burgue-

sa). Mas, quando eles começaram a escutar o que diziam os propagandistas socialistas (jovens burgueses e pequeno-burgueses), quando na prática diária comprovaram que o Partido Liberal não podia solucionar seus problemas do cotidiano (os operários queriam uma pequena proteção legal; o Partido Liberal, em função da debilidade do desenvolvimento da Bolívia e pela incapacidade da burguesia indígena, não pôde melhorar as condições de vida e de trabalho dos operários), então os operários rapidamente começaram a escutar os agitadores “extremistas”, os universitários do tronco liberal e que, no campo das ideias, encontraram as ideias marxistas (deformadas, mas não importa). Esses agitadores foram, então, os portadores do fermento da transformação da classe. Mas, a classe teve de ter o mínimo de maturidade para escutar os propagandistas. Se não consegue escutar, a classe está fechando as portas do futuro ao partido revolucionário, a classe está contra o partido.

Na Bolívia, algumas vezes a classe operária se levantou contra seu partido. Começou a amadurecer sua consciência quando se deparou com as ideias trotskistas, se mobilizou por detrás delas. Mas essa maturidade era relativamente baixa, porque não lhe permitiu distinguir entre seu partido (que era o que lhe dava tais ideias) e o MNR, que era o partido que representava os interesses da burguesia nacional. A classe operária desembocou nesta última organização, não teve como superar essa confusão política. Assim, a classe fechou as portas ao Partido Operário Revolucionário, impossibilitando que se transformasse em um partido de massas, dirigisse a revolução de 9 de abril de 1952 e chegasse ao poder.

Porém, o próprio partido, se não consegue primeiro um ajuste programático adequado à realidade do país e logo não estrutura uma poderosa organização para trabalhar eficazmente no seio das massas, converte-se em um freio para a evolução da classe e pode concluir na trincheira contrarrevolucionária.

Não se deve acreditar mecanicamente que partido (falando do partido revolucionário) e classe possam evoluir

de maneira independente. Não. Um elemento atua sobre o outro, pode impulsionar e pode frear o outro. Um partido pode decretar a priori e dizer “agora eu tomo o poder”, mas terá de ver se as massas amadureceram ou não para essa tarefa, maturidade que se projeta no partido. As massas, por mais maduras que estejam e se encontrem nas ruas se chocando heroica e instintivamente pela realização da revolução, esta não se consolidará se não estiver presente a direção revolucionária. É necessário advertir que a classe não pode, ainda nesta etapa de tremenda politização, forjar em seu seio a direção revolucionária do dia para a noite. A direção é produto de um longo, lento e doloroso processo de toda a história da classe, da luta entre partidos e dezenas de anos de atividade, de cisões, de maturação à luz da prática revolucionária.

Os pequeno-burgueses que dizem que se pode fazer um partido em meses ou em dias estão falando asneiras, nunca ocorreu em nenhuma parte do mundo o milagre de que a classe tivesse forjado automaticamente seu instrumento adequado de luta toda vez que se viu diante de uma convulsão social. Não. Os partidos somente têm atuado com êxito nessas convulsões quando previamente se estruturaram, o que constitui um processo muito longo, porque não é nada menos que a transformação da “classe em si” à “classe para si”. É a maior tarefa histórica que se pode realizar para transformar radicalmente a sociedade. Por isso que não pode ser um ato tão pueril como o de pretender tirar da manga um partido em vinte e quatro horas. É necessário forjar um instrumento constituído de revolucionários profissionais, que encarnem a tradição e todo o capital ideológico da classe.

A riqueza da classe se encontra no partido e nos quadros revolucionários, são o capital mais valioso que tem a classe operária. A perda de um desses quadros operários revolucionários é a perda de parte de seu grande capital e pode atrasar a chegada da revolução. O que teria acontecido se Lênin tivesse morrido quando retornou do exílio à Rússia? Claro, as leis da história não teriam se modificado - algum

dia seriam realizadas -, mas a revolução teria se atrasado, quase com certeza não teria ocorrido em outubro de 1917. Seguramente, a revolução teria acontecido depois, mas teria sido necessário preencher o vazio deixado por Lênin, que não era um líder perfeito, providencial, nada disso. Era o produto do trabalho coletivo da classe e do partido de anos e anos, das intermináveis polêmicas e cisões. Isso era Lênin, esse é o papel do indivíduo no processo revolucionário, que certamente não é nulo.

Há organizações que dizem: teremos uma direção rotativa, todos os militantes terão a sua vez de serem dirigentes. Não, o dirigente é aquele que sintetiza a experiência da classe e do partido, que tem sido provado em uma longa luta no seio das massas. Esse indivíduo é insubstituível como dirigente ou quadro. Tem importância fundamental no processo da transformação da classe, mas não pode atuar arbitrariamente, atua em condições pré-estabelecidas pelo desenvolvimento das forças produtivas, sua importância reside nesse marco, mas nem por isso deixa de ser transcendental. No campo revolucionário, quem pode negar o papel de teórico, do que vai ajudar a criar a ideia, o programa, o elemento fundamental para a transformação da classe? Por isso que o partido tem de transformar seus militantes em teóricos, ensinar-lhes a fazer teoria e só então serão quadros da revolução. Os melhores agitadores se limitam a repetir o que estabelece o teórico, por isso os partidos revolucionários são partidos de propagandistas. Os ultraesquerdistas dizem: “Bem, para que tanta conversa fiada, o que falta são os fuzis”, esquecendo que a força transformadora não são os fuzis, e sim as ideias que se transformam em ação. Ou seja, o fuzil é sempre manejado por uma ideia, não existe um fuzil que não obedeça a esta, seja da reação ou da revolução social. Sim, na insurreição a política se transformará em ação armada, mas continuará sendo ação política expressa por outros meios. Então, não se pode esquecer que o partido é programa e que o programa é o partido.

5. Tática e estratégia

Na realidade, o marxismo ainda não elaborou uma teoria muito desenvolvida do partido político. Na ordem de importância, a teoria do partido está ligada à teoria do Estado.

Já indicamos antes que a estratégia nada mais é que a missão histórica da classe operária. Este é um termo tomado de empréstimo do vocabulário militar. Na guerra a estratégia de um exército é o que se deve alcançar para vencer: tomar uma capital, etc., ou seja, deve determinar como vai ser ganhar a guerra. Na guerra entre as classes ocorre o mesmo. Os oponentes têm objetivos finais que lhes permitirão obter a vitória: o proletariado será vitorioso quando conseguir tomar o poder como um dos atos de destruição do regime da propriedade privada e do seu Estado, o que lhe permitirá substituir as relações de produção capitalistas pelas relações de produção socialistas. O proletariado precisa transformar-se na classe governante e, para isso, tem de destruir o aparato do Estado burguês. Esta é a sua missão histórica, sua finalidade estratégica. Obviamente que esta é uma tarefa a longo prazo, não é uma questão de momento, mas corresponde ao objetivo de todo este período histórico. As guerras, crises e revoluções terminarão quando a classe operária expulsar do poder

a burguesia - isto é a revolução social. Este momento de destruição do aparato do Estado chama-se insurreição. Tal é a estratégia da classe operária. Nesta luta, o partido é o Estado maior da classe, por isso, encarna sua estratégia.

No entanto, nenhum exército e muito menos o exército proletário (aqui estamos usando o termo exército proletário para designar a classe) pode alcançar seu objetivo sem estar obrigado a realizar manobras prévias que conduzam à sua finalidade estratégica. Como no vocabulário militar, se chamam tática ou métodos de luta: que caminhos vamos percorrer para alcançar nosso objetivo? Da mesma forma que na guerra, a classe pode extraviar-se do caminho, acabar como uma divisão perdida nas manobras e perder seu objetivo estratégico. É preciso estabelecer que relação existe entre tática e estratégia.

Tática e estratégia formam uma unidade dialética, estão em interrelação, se influenciam mutuamente. Além disso, em determinadas circunstâncias uma pode transformar-se na outra. Há casos em que a tática se torna estratégia e nos encontramos diante do reformismo. Esta é uma questão capital na atuação diária dos políticos e das classes sociais. Com frequência os partidos e também as classes sociais perdem sua estratégia, se extraviam.

A estratégia não depende da correlação de forças entre as classes, da conjuntura como dizem os “esquerdistas”. A estratégia (as tarefas históricas) surge do desenvolvimento objetivo da sociedade, mesmo que a classe operária não seja consciente e, portanto, esteja subordinada a outra classe (então há uma relação de forças contrária à classe operária), nem por isso deixam de existir as tarefas históricas da classe. Nesse caso, por exemplo, quando a classe operária está dentro de partidos burgueses, o partido proletário pode existir como um pequeno núcleo e marginal, expressando a estratégia proletária.

Como em toda unidade dialética, há que se estabelecer qual é o elemento determinante, fundamental, entre estratégia e tática. A primazia corresponde à estratégia porque

esta constitui a tarefa histórica, ou seja, é o ato que vai determinar a realização da classe operária como tal através de sua dissolução na sociedade, na massa de trabalhadores livres. A classe operária realizar-se-á convertendo-se em classe governante – para deixar de existir enquanto classe, posteriormente, encarnando, assim, a estratégia revolucionária que é expressão do amadurecimento das forças produtivas, pois podemos dizer que a maturidade das forças produtivas para a revolução se expressa na classe consciente. É fácil compreender que a tática está condicionada pela estratégia, ou seja, a tática depende de qual é a natureza da estratégia. A tática, assim como o partido (sua organização e seu programa), deve se adequar a missão histórica da classe, a sua finalidade estratégica. Se não tivéssemos que tomar o poder através da insurreição, não formaríamos um partido tão disciplinado e tão centralizado, mas formaríamos um clube eleitoral. A finalidade estratégica determina a estrutura do partido, sua política e sua tática. Em resumo, a primazia corresponde a estratégia e esta condiciona a natureza da tática.

Entretanto, é necessário sublinhar que entre estratégia e tática existe uma interrelação dialética. Nesse sentido, de que todos os caminhos conduzem a Roma não é correto; há alguns caminhos que não levam a Roma, nos afastam dela; a tática revolucionária adequada é aquela que nos permite aproximarmos da finalidade estratégica, em outras palavras, nem toda tática é boa. É falso que os bolcheviques tivessem repetido essa conclusão – a qual é gratuitamente atribuída aos jesuítas – de que “o fim justifica os meios”. Muitos meios nos afastam do fim. Por exemplo: a classe operária para ser consciente tem de estar claramente diferenciada em seus objetivos das outras classes sociais, diferenciada e emancipada da burguesia, deve ter sua própria política e suas próprias organizações: sindicatos, partido, órgãos de poder. Isso se chama independência de classe. Se uma tática atenua a independência de classe, nos está afastando do cumprimento da finalidade

estratégica. Esta tática é contrarrevolucionária. Por exemplo: os membros do PCML ingressaram no governo da Sra. Gueiler (o PCML tomou parte desse governo na década de 1980), que é um governo burguês de direita e lutavam para permanecer no parlamento e aumentar seus lugares no ministério. Esses supostos “esquerdistas” perderam o objetivo da revolução e de maneira definitiva subordinaram-se à política burguesa. Submeteram os operários à política antioperária e pró-imperialista de Sr^a Gueiler. Esta tática os levou a abandonar totalmente a estratégia operária. Não se faz a revolução inserindo ministros no regime burguês, e sim mobilizando as massas contra esse governo (que os maoístas defenderam intransigentemente, porque era o seu governo, mesmo sendo o seu conteúdo de classe burguês, inimigo do proletariado). Nestas condições, como eles poderiam conduzir as massas à insurreição? Os ministros vão se insurgir contra o seu presidente? Impossível. Dentro da estrutura e funcionamento do Estado, os ministros eram corresponsáveis pelo que fazia a Sra. presidente, não eram seus opositores. O ministro que se opuser o presidente é jogado para fora. Em resumo, esta tática de colaboração com um governo burguês é exatamente a tática adequada para separar as massas da revolução social, da estratégia do proletariado.

Como se vê, nem toda a tática conduz à conquista do poder, somente conduzem a esse objetivo as medidas táticas que mobilizam a classe operária e a aproximam um pouco de seu objetivo estratégico: as que afirmam a independência de classe do proletariado e a luta de classes. Dessa maneira, a estratégia está condicionando a tática, porém, a tática equivocada, de colaboração com o governo, por exemplo, acaba destruindo a estratégia. Este é um problema de grande importância. Por exemplo: o MIR é um partido pequeno-burguês que quer rejuvenescer o nacionalismo do MNR, porque diz que vai aprofundar a revolução de 52, coisa que o próprio MNR não conseguiu fazer, mas disse que tem no bolso o programa socialista. Trocou seu antigo programa

ultraesquerdista por um programa burguês e nacionalista. Poderá este partido ser considerado revolucionário? A social democracia, em cuja fundação participou Engels, um partido marxista em seu início, é agora um partido que defende a política da burguesia imperialista. Por que não se transforma novamente em um partido revolucionário? Porque quando um partido perde sua estratégia, se perde para sempre, não é um ato tão simples como trocar de camisa. A estratégia é uma forma de compreender o desenvolvimento social, quando se muda de estratégia, muda-se também sua concepção do meio em que atua. Por isso, o abandono do programa é um erro definitivo, já não pode voltar a ser revolucionário. Outro exemplo no campo do trotskismo é o caso do Secretariado Unificado, dos pablistas que se transformaram em foquistas, castristas, abandonaram o programa trotskista. Agora dizem que podem voltar ao trotskismo; não, eles passaram definitivamente para o campo do inimigo de classe, são o partido de outra classe social, não do proletariado. Em resumo, trocaram de conteúdo de classe, que se expressa em seus objetivos estratégicos.

Se a estratégia condiciona a tática, esta pode desvirtuar a estratégia; quando se abandona a estratégia, a tática, a luta momentânea, se converte em finalidade estratégica. O Partido Socialista disse: queremos o socialismo, mas nessa etapa há que se lutar pela democracia, pela sociedade democrática, por efetivar a tática e postergar a estratégia para depois. Para esse partido, a estratégia agora é a tática programática, a tática eleitoral, isto é, a tática se transformou em estratégia. É o que ocorre entre causa e efeito, não é invariável e nem unilateral essa relação. Aquilo que em relação a um fenômeno é efeito, por referência a outro fenômeno é causa, o mesmo ocorre quando em certas circunstâncias se perde a estratégia. Qual é a estratégia daqueles que se extraviaram nos caminhos da luta cotidiana? Pela tática, que se transformou em estratégia, e esta é a base do reformismo: tudo se reduz à forma e ao movimento daquele instante e o objetivo final e a revolução já não contam mais.

6. Estrutura do partido

Vimos de que maneira o partido, que é expressão da consciência de classe, pode transformar-se, em certas circunstâncias, em um freio para a evolução do proletariado. Vimos, também, como o maior ou o menor grau de amadurecimento da classe operária pode impedir a realização do partido, pois este é, desde que é programa, uma tendência que pode ou não se materializar, a depender das condições em que sua prática revolucionária se realize diante da classe. O partido, em sua tentativa de transformar a ideia em força material ou programa em ação, tem de atuar sobre a classe para transformá-la, nesta medida, o partido se transforma a si mesmo.

Os problemas organizativos deixaram de ser aspectos puramente técnicos. São basicamente políticos. O organizativo conclui sendo um aspecto fundamentalmente programático. O trabalho organizativo não é algo rotineiro, mas a concretização do programa. Michel Pablo, polemizando com Cannon do SWP norte-americano, disse em tom irônico que era absurda a pretensão de aparecer como especialista em organização, deixando para outros o trabalho político. A verdade é que não se pode compreender a organização do partido à margem do programa, que é a mais alta expressão da política revolucionária.

O partido da classe operária se converte, quando se agudiza a contradição fundamental da estrutura econômica material da sociedade em uma chave da revolução. É o acontece agora entre nós, se não se estrutura um poderoso partido operário não será possível a revolução e corremos o risco de acabar destroçados na barbárie, nas garras do fascismo. Trotsky assinalou que a crise da humanidade se resumia na crise da direção revolucionária.

Esse partido de revolucionários profissionais, essa vanguarda organizada (isso é partido), é a avançada seleção da classe operária, tem uma forma de ligar-se com a classe. O conjunto de revolucionários profissionais não pode cumprir seu destino se não se integrar à classe. Como pode fazê-lo este partido de especialistas no manejo da teoria revolucionária? Somente se os revolucionários profissionais se organizam para atuar no seio da classe, e isso é a célula, a célula de empresa, do campo, da universidade, do exército, etc. A vinculação da classe com sua vanguarda se dá, pois, através da célula de empresa, que é a organização dos revolucionários profissionais que trabalham em um determinado setor de maneira centralizada. Existe uma deformação de direita nesta colocação, que considera que o partido se vincula com a classe através do manejo burocrático das massas, das direções sindicais, por exemplo; pode-se realizar uma série de manobras para ganhar cargos na cúpula sindical, abusando do poder ou através de outros recursos. Não, não se trata disso. Mas, sim, de que o partido transforme a classe e a dirija politicamente, o partido tem a alta missão de dirigir politicamente a classe e suas organizações, entre estas os sindicatos, o que não supõe que necessariamente monopolize os cargos administrativos. Pode não ser direção sindical, mas através da atividade das células no seio das massas dirigirá politicamente a classe. A política revolucionária compreende todos os aspectos da vida social em seu conjunto.

Porém, por que a estrutura celular é imprescindível em um partido revolucionário? Por que não pode ser substi-

tuída por outra forma organizativa mais branda, menos rigorosa, de fácil materialização? O programa ao assinalar a estratégia da revolução e ditadura proletárias e os métodos para chegar a esta finalidade, que são os métodos da ação direta (que implica a mobilização da classe), já estão assinalando as características organizativas do partido, estas estão subordinadas à finalidade estratégica. O partido como organização tem de ser um instrumento capaz de materializar o programa, convertendo-o em força material. Temos dito que isto se alcança se o programa se encarna nas massas. O partido deve mobilizar, organizar, e educar as massas. Nessa medida, poderá, em certo momento, dirigir politicamente os setores majoritários. Daqui se deduz que é vital esta vinculação entre partido, entre direção política, entre programa e as massas. Mas, como pode se efetivar esta direção? Somente através da organização celular. O partido é uma rede de células.

A estrutura celular está determinada pelo programa. Se o partido fosse reformista e buscasse transformar a sociedade de maneira gradual, pacífica, através do parlamento, e não pela via insurrecional – o que significa que os operários trocarão em determinado momento sua forma de atividade política tradicional pela linguagem das armas (mas não abandonarão sua política, apenas a trocarão) - se seu objetivo fosse ganhar as eleições e a maioria parlamentar, para que serviriam as células? De nada. Seria preferível que organizasse grandes centros eleitorais, clubes eleitorais para mobilizar massivamente as pessoas sem maior rigor teórico e disciplina.

Se o partido deve estar baseado em uma rede de células e vai organizar os militantes revolucionários nestes organismos que funcionam nos locais de trabalho, é indispensável que tenha um grande rigor teórico, programático e disciplinar, tem de transformar o operário em revolucionário. Seria uma perda de tempo este trabalho – se o partido for eleitoreiro, então a célula seria supérflua. O partido revolucionário começa e conclui na célula, aqueles

elementos que estão fora da célula não são militantes, é o conceito clássico de Lênin que assinala que militante revolucionário é aquele que está de acordo com o programa, que se forma ao redor do programa, que pertence a uma célula (a uma organização do partido). É somente na época da Terceira Internacional que se cunhou o termo “célula” e se tem a impressão de que constitui o verdadeiro tecido que forma o partido e é célula porque vai se multiplicando dentro de si mesma na medida em que cresce sua influência no seio das massas. Finalmente, a contribuição econômica de acordo com os salários que se recebe é a terceira condição para ser militante. Não há nenhuma dúvida que se realmente é um partido revolucionário somente pode ser desta maneira. É necessário se autofinanciar. Esta não seria uma organização partidária marxista-leninista-trotskista, mas um arremedo de partido. Grande ou pequeno, uma organização deve autofinanciar-se, porque não dá presentes, vende tudo o que produz e porque seus militantes estão obrigados a cotizar. O partido não paga seus militantes, vive da cotização destes.

Se esta é a estrutura de partido que corresponde ao seu programa, de maneira que possa se transformar a curto ou longo prazo em um instrumento capaz de materializar o programa, o que significa a ideia de transformar o programa em força material, a ideia em ação, como se pode fazer isso se estes militantes não sabem o que é a ideia, não dominam o marxismo, não são capazes de criar teoria? Isso não pode ser o partido revolucionário. Trata-se de todo um processo, de uma constante transformação, uma transformação em função da classe e em função do próprio partido, como parte desta transformação de operários e estudantes em revolucionários profissionais, mudança esta que se faz não apenas à luz da disciplina, mas considerando que esta deve emergir de elevada concepção política, de dominar a ciência social, o marxismo. Nessa medida, o militante será um revolucionário profissional. Se a missão do partido é dirigir politicamente a classe, este

processo significa que neste instante o programa está se convertendo na força material mais poderosa do processo revolucionário, mais poderosa que as armas, não há dúvida de que o partido se arma ideologicamente, depois terá de ver em que medida terá ou não que usar as armas neste ou naquele sentido, mas é imprescindível essa arma fundamental, que é a ideia. Marx dizia que o revolucionário é aquele que vai aguçando suas armas antes do combate, mas não se referia aos fuzis e sim às ideias.

Qual é a norma organizativa fundamental? Como funciona este partido? Como pode haver um partido que seja o Estado Maior deste imenso exército que é o proletariado? Como pode este Estado Maior dirigir o exército na batalha, nesta guerra que é a luta de classes? Por sua estrutura celular e por seu programa, o partido revolucionário só pode funcionar se está organizado ao redor de um eixo fundamental que é o centralismo democrático. Estamos falando do partido revolucionário e não qualquer partido. Este é talvez o ponto mais difícil de compreender na teoria do partido político e o mais difícil de aplicar. O conceito é formado por estes dois termos: centralismo e democracia.

O partido político do proletariado não pode deixar de ser centralizado, não pode ser uma federação, não pode estar constituído por células e direções regionais dentro de um esquema em que cada célula faça o que lhe dê vontade, não é uma simples justaposição de células. Na realidade, constitui um conjunto de células fundidas em uma organização altamente centralizada por que tem de desempenhar o papel de Estado Maior com uma política única. Não pode haver um partido revolucionário com três ou quatro linhas políticas diante das massas; somente pode haver uma linha. No entanto, é preciso ter claro que estamos nos referindo à linha política, não de outro problema, porque o partido deve atuar diante das massas como direção política.

Surge um problema: se se trata de um partido de revolucionários profissionais, de elementos capazes de pensar

com a própria cabeça, isto é, de discordar, como é possível este funcionamento unitário no exterior? Logicamente, o centralismo consiste em ser uma linha política única e uma direção também única, e não somente no plano nacional, mas também internacional, devido ao fato de que a revolução em nossa época não é outra coisa que a revolução socialista mundial. Por sua própria natureza, este partido não poderia funcionar sem praticar a mais ampla democracia interna, porque o revolucionário profissional não pode ser reduzido à condição de instrumento de ninguém, nem sequer dos altos dirigentes. Os revolucionários profissionais são formados para realizar um trabalho partidário global. A degeneração do partido e sua burocratização começam quando se impõe uma severa divisão do trabalho, entre dirigentes que pensam, que realizam trabalhos de escritório, que elaboram a linha política e os condenados a obedecer pelo resto de seus dias a realizar de trabalhos práticos. Por esse caminho, a organização partidária concluirá estrangulada por uma camarilha privilegiada, para a qual não conta a vontade e nem o pensamento das bases. A rede celular é substituída por um corpo de autômatos destinado unicamente a cumprir as ordens que lhe deem os dirigentes. Neste caso, o centralismo democrático se transforma em centralismo burocrático, se degenera. É isto o que ocorre nos partidos estalinistas. Se o centralismo se refere à linha política unitária no exterior, a democracia é unicamente interna, ou seja, no marco das células e da elaboração da linha política. A democracia interna deve ser a mais ampla possível a fim de não estrangular o direito do revolucionário profissional pensar e discordar, a democracia se converte no instrumento que impulsiona a formação do militante. Se realmente se leva a sério o princípio de que não há divisão do trabalho entre dirigentes e dirigidos, o dirigente será realmente a expressão de toda a organização do trabalho coletivo do partido. Em nenhum caso, o militante deve se degradar à condição de instrumento manipulado pelo dirigente ou dirigentes.

Vejam agora o âmbito da democracia. A que se refere? Refere-se aos seguintes pontos: primeiro, à elaboração coletiva da linha política, este é um elemento fundamental. O mais comum nos supostos partidos revolucionários é que a linha política seja imposta de cima para baixo; esse é um defeito grave, porque a política partidária deve ser elaborada coletivamente nas células. Isso não quer dizer que os documentos sejam redigidos palavra por palavra pelos militantes (a redação das propostas pode estar a cargo inclusive de um elemento especializado). Trata-se de que a experiência da classe seja assimilada pelo partido através dos múltiplos tentáculos que são os militantes que estão nas células, nos locais de trabalho: a linha política se fortalece e supera à luz da experiência da classe e também do desenvolvimento histórico. O partido é a expressão da consciência de classe, sua síntese mais elevada. Os revolucionários profissionais, seguindo o caminho da discussão coletiva e com ajuda do marxismo, assimilam a experiência da classe, contribuindo assim para a elevação da consciência.

A linha política que é produto da discussão coletiva é a linha política revolucionária, a que mais pode se aproximar da realidade, sem que se tenha a pretensão de que seja uma linha infalível, porque isso não existe. Toda perspectiva política é apenas uma aproximação da realidade, é necessário ainda ver se coincide com a realidade na prática e esta constatação somente pode ser feita por quem está no interior da classe e quem domina a teoria. E onde está esta elaboração e constatação? Somente podem ser feitas no âmbito da célula através da mais ampla discussão. Uma linha política imposta de cima para baixo, por muito geniais que sejam seus dirigentes, é uma linha deficiente, ou no mínimo unilateral, porque não é produto da assimilação da experiência da classe; porém, o mais grave é que não vai ser capaz de fazer com que seus militantes encarnem esta linha, se limitarão a repeti-la, isto porque não será o resultado do trabalho deles. É muito fácil de

comprovar que quem repete uma linha política nem sempre a entende, outra coisa é que essa linha política corresponda à prática diária dos militantes no seio das massas.

A democracia interna não pode existir se não comporta o direito à divergência com a direção no marco do programa, porque todos os militantes ingressaram no partido depois de haver estudado o programa. Seria inconcebível que, em algum partido marxista alguém dissesse: “bom, eu acredito em deus, portanto, vamos iniciar uma discussão sobre se deus existe ou não”. Esta divergência não pode existir na prática porque se supõe que todos os que ingressam em um partido revolucionário são materialistas, formaram-se como materialistas, aplicam o materialismo dialético e histórico, portanto, uma discussão desse tipo seria inconcebível. No ano de 1940, quando se apresentou a grande discussão no partido trotskista norte-americano em torno do caráter da URSS, dois professores universitários, Burnham e Schatman, questionaram a viabilidade das teses dialéticas, ou seja, colocaram uma divergência que significava uma objeção ao programa e ao mesmo tempo ao marxismo.

Toda a situação política é sempre inédita, portanto é possível dar duas ou três respostas a esse problema proveniente das divergências inevitáveis na vida do partido. Quem tem a razão da divergência? Quem pode dizer que tem a verdade no bolso? O dirigente, apenas porque é um dirigente? É absurdo, pode estar equivocado, porque é errôneo o critério de que o partido e os dirigentes não se equivocam e sempre têm razão. Não, se equivocam.

Este foi outro dos erros de Trotsky, quando em discussões com o estalinismo, começou declarando que o partido sempre tem razão; mais tarde veio a comprovar na própria pele que o partido erra.

Se se considera que são a política e o programa, prognósticos acerca do desenvolvimento do país e que nenhuma situação política se repete, é inegável que frente a ela o partido em seu conjunto pode se equivocar, imagine, en-

tão, um dirigente.

Os dirigentes não são dirigentes por vontade divina. As vezes são dirigentes por um equívoco do partido ou por uma série de circunstâncias: o baixo nível político da militância, o enorme peso dos militantes novos etc. Pode haver um partido com uma péssima direção, que não lhe corresponde, que não está à altura de seu programa, portanto, esta direção deve ser severamente criticada pelas bases revolucionárias; este é o sentido da democracia interna. Dessa maneira, o partido em seu conjunto se superará e formará, através de uma constante seleção, seus quadros dirigentes. A linha política e o programa vão se aperfeiçoando em sua confrontação com a realidade, com a experiência diária, sempre que se use adequadamente a auto-crítica.

Seria inconcebível à democracia interna se não se reconhecesse o direito à formação de tendências e frações, se não houvesse o direito de divergir e de organizar os militantes do partido ao redor das ideias divergentes. Os partidos chamados comunistas, em seus estatutos, no caso dos existentes na Bolívia, castigam com a expulsão o delito de fracionalismo, ou seja, os opositores não podem organizar o partido em tomo de suas ideias divergentes. Nas organizações estalinistas, aquele que mostra seu rosto opositor está condenado a sofrer as penas estatutárias e se verá submetido a uma verdadeira perseguição, seu destino é ser expulso e ser destruído disciplinarmente se não capitular.

Se realmente existe democracia, a direção deve garantir o desenvolvimento da divergência, o opositor deve merecer de sua direção todas as garantias necessárias para desenvolver sua atividade opositora; esta foi a tese central da Oposição de Esquerda contra a direção oficial da III Internacional. Recordando o que Lênin escreveu sobre o tema, a partir do momento em que se apresenta uma divergência, a direção deve rodeá-la de garantias, não a sancionar. Logicamente, se o opositor vai receber os golpes da direção,

é difícil que possa desenvolver publicamente suas ideias e recorrerá a métodos clandestinos. A Oposição de Esquerda foi fração organizada e dirigida por Trotsky no Partido Bolchevique sob a base dos postulados marxista-leninista, para lutar contra a burocracia estalinista, expressão da reação dentro da Revolução de Outubro.

Qual é a vinculação entre democracia e centralismo? São extremos de uma unidade dialética. Ambos se condicionam mutuamente e se penetram. Em que medida se condicionam mutuamente e como? Sem dúvida, um partido político não é um clube de discussão, ainda que a discussão seja imprescindível para sua existência, mas sua finalidade é dirigir as massas, ou seja, atuar frente a elas e influenciá-las politicamente. O partido revolucionário não pode atuar frente às massas com duas linhas, deve atuar necessariamente com uma única linha, que é elaborada coletivamente por seus militantes.

Essa linha centralizada somente pode ser elaborada através da democracia interna, que permite a preparação coletiva da atuação unitária. A democracia serve para isso, para tornar possível uma verdadeira atividade centralizada do partido e não para travar sua ação. Torna possível o centralismo, porque o centralismo não é uma camisa de força militar. O verdadeiro centralismo diz respeito a que o partido possa dirigir unitariamente as massas; é este o objetivo do centralismo e não mostrar um rebanho de militantes obedientes e sem iniciativa.

O partido deve ter suficiente flexibilidade e capacidade de manobra para ajustar sua linha política em função da atividade militante, porque só assim poderá ser uma eficaz direção das massas. Como o partido ajusta sua linha se é tão centralizado e se sua linha é apenas um prognóstico e não a soma de toda a verdade? A linha política pode estar relativamente equivocada já que, como sabemos, não há e nem pode haver linha política 100% exata, pela natureza da luta de classes, do problema social. Nas ciências sociais não existe um laboratório, como em química ou

física, onde possamos pegar uma proveta e ver em miniatura todo o processo social futuro. Suas proposições são simples aproximações da verdade. Como vai, então, o partido ajustar sua linha política? Como vai ajustar sua linha centralizada às múltiplas modificações dos acontecimentos? Somente se consegue esta elaboração coletiva através da discussão interna, da atividade centralizada que se assenta na democracia interna. A democracia interna se justifica como uma alavanca que torna possível a atividade unitária; este é o seu sentido: a democracia interna mais ampla constitui o elemento básico mais importante para a elaboração da atividade unitária. Dessa maneira, não pode haver atividade centralizada sem uma ampla democracia interna. E se não há? Trata-se de um desvio, da centralização burocratizada.

É frequente e aparece como natural, que o dirigente, por comodidade, se converta em ditador, ou melhor, que um pense e os outros obedeçam. Se tem a impressão que o partido funciona melhor e mais facilmente quando depende de uma vontade despótica, mas se comprovará que esse caminho totalmente estranho à concepção bolchevique, conduzirá a ruína da organização como um verdadeiro Estado maior da classe e que, nesse sentido, nada tem a ver com a ditadura pessoal.

Trotsky e Rosa Luxemburgo, o Trotsky da primeira época, até o ano de 1912, e Rosa Luxemburgo por toda a sua vida, não compreenderam este problema. Bem ou mal, Rosa Luxemburgo tinha muito de espontaneísta, mas a ela não apenas lhe parecia que não podia haver um partido tão soldado entre direção e base, acreditava que uma organização assim centralizada concluiria inevitavelmente estrangulada pela ditadura do comitê central e, em última análise, do secretário-geral. Os opositores da teoria do partido, segundo o bolchevismo, acreditam ver confirmada sua tese na experiência negativa de Stálin, o qual, sendo o elemento mais obscuro do partido bolchevique, pudesse vir a se converter em amo indiscutível e infalível de incom-

parável partido de revolucionários profissionais. Na verdade, não há, nem haverá esta ditadura do secretário-geral se se considera que a centralização é o resultado da preparação coletiva da militância, não das ordens do dirigente. Toda atividade centralizada deve corresponder à atividade coletiva da militância através do organismo celular, pois os militantes não atuam em outro lugar.

O centralismo democrático refere-se à linha política do partido e se supõe que um militante antes de obedecer pode divergir, porque a linha deve ser elaborada coletivamente. Quando o dirigente substitui a preparação coletiva pela ordem que dá, caiu-se na degeneração burocrática da organização partidária. Desse modo, o militante deve ter o direito e a oportunidade de divergir, porque a ação unitária deve ser elaborada coletivamente por toda a militância. A ação unitária parte do convencimento político do militante, esse é o objetivo da discussão celular.

Esta ampla democracia interna e a preparação coletiva da ação unitária através da divergência devem acabar em algum momento, quando a discussão estiver esgotada, não quando o dirigente dispõe. O que é esgotar a discussão? E mostrar as raízes das divergências. Para que se discute? Não se discute por esporte, na discussão aparece e são colocadas ao conhecimento da militância as posições contrapostas. Até quando se discute? Até que as raízes das divergências estejam em mãos dos militantes, até que as cartas estejam postas na mesa. Por isso, na vida interna do partido é preciso saber discutir e obrigar aqueles que divergem a expor as verdadeiras razões de sua divergência (o que oculta a divergência?), não com medidas disciplinares, desde logo, mas através da argumentação, da discussão interna. Isto porque a divergência pode ocultar uma diferença programática e toda divergência programática tem relação com a atitude das classes em luta: se o programa revolucionário é a estratégia do proletariado, quem diverge do programa diverge da missão histórica do proletariado, é agente do inimigo de classe, é a quinta coluna

que se enfiou no partido através da pressão exercida pela burguesia sobre a militância e sobre o partido. Por isso, é necessário esgotar a divergência, a discussão deve ser ampla, ilimitada, profunda, radical, como dizia Marx para referir-se à raiz dos problemas. Uma vez exposta a raiz dos problemas, é necessário votar. A discussão acaba na votação das posições, a divergente e a oficial.

Feita a votação, a linha majoritária é a oficial, é a linha do partido, é a que vigora no exterior, assim a democracia se converte na expressão do centralismo: o partido seguirá a linha oficial. A minoria tem de se submeter no exterior, mas não no interior, à linha política oficial. Para que a linha oficial possa ser levada pelos opositores no exterior, é preciso observar as normas da democracia interna, porque só então os que não acreditam nessa linha oficial podem saber as razões em que se baseia a linha oficial e, portanto, no exterior saberão por que a defendem, não lhes está permitido cindir o partido como Estado Maior, como direção no exterior. No entanto, no interior, têm o direito de continuar discordando: ninguém pode lhes obrigar a abandonar suas posições, ou seja, ninguém pode exigir que se autocrítem, este é um método tipicamente estalinista. Ninguém ignora que o estalinismo destruiu a maior liderança bolchevique com a ajuda da imposição da autocrítica. Foi o caso de Bukharin, brilhante em alguns aspectos, limitado em outros, mas um bolchevique que oscilou da esquerda para a direita, bater no peito e dizer: “Sim, eu sou um agente do capitalismo, mereço a morte”. Zinoviev e Kamenev, as maiores figuras do bolchevismo, batendo no peito em público porque a direção burocratizada lhes impôs um arremedo de autocrítica.

A verdadeira autocrítica constitui o ponto mais elevado da formação do militante. O marxista é capaz de reconhecer seus erros na discussão, não porque o obriguem a reconhecê-los. A autocrítica tem esse sentido, seu próprio nome o indica, porque a outra é uma abusiva imposição da autoridade. A autocrítica é inseparável da democracia

interna porque deve ser produto da discussão, da discussão radical. É explicável que o estalinismo, o centralismo burocratizado, utilize a autocritica como um chicote para destruir a militância, para impedir a verdadeira crítica.

Um partido que atua no seio das massas e que sabe que a democracia interna é o cominho que conduz à ação, não pode converter-se em um lugar de debatedores, que esgotam suas energias em disputas sem nenhuma finalidade e muitas vezes em torno de futilidades. A discussão interna tem de ser necessariamente coordenada pela direção. Um documento serve de base para a polêmica e esta é declarada aberta pela autoridade partidária, sempre com vistas a preparar uma votação que dê fim à discussão e estabeleça a política oficial.

Não se pode esquecer de que se trata de um partido centralizado com uma só direção nacional. Quando se apresenta a tendência no sentido de que as células ou os comitês regionais comecem a caminhar sozinhos, não informe suas atividades, quer dizer que caíram em um desvio federalista. Nesse caso, o partido se debilita e sua ação tende a se dissolver.

7. O lugar da crítica e da autocrítica

A crítica e a autocrítica são imprescindíveis. Isso porque o partido tem a missão fundamental de assimilar criticamente a experiência das massas, ou seja, de seus próprios militantes que estão no seio delas. Deve generalizar essa experiência e, nessa medida, cumprir um papel principal na evolução da consciência de classe. Se a consciência de classe é a compreensão da missão histórica do proletariado, é inseparável da assimilação da própria experiência deste e forma parte da politização da classe. Quem cumpre este trabalho se as ações das massas podem ser locais e circunscritas? Unicamente o partido, com a condição de que seja capaz de analisar criticamente a experiência, mostrar o positivo e o negativo desta experiência e não repeti-la simplesmente, não fazer simplesmente história, e sim fazer crítica histórica.

A crítica é imprescindível na própria formação do partido, porque se realiza sua prática revolucionária frente à classe e esta exige a crítica para superar-se: as ações do partido são boas ou más e é preciso realizar um constante balanço delas. Uma expressão particular da atividade global da crítica é a autocrítica, que significa que alguém que se critica a si mesmo. O partido autocriticando-se é uma organização em constante transformação. Não existe

um partido perfeito, este sempre está em transformação, se aperfeiçoando ou se está degenerando, mas não há um ponto culminante neste processo que permita dizer: este partido é a máxima expressão da perfeição revolucionária. E como chegar a superação? Como evitar que se degenere? Somente se o partido é capaz de se autocriticar, ou seja, de mostrar a raiz de seus numerosos erros. A autocrítica não é dizer simplesmente que nos equivocamos, falta ainda estabelecer o motivo do equívoco e é neste porquê onde se encontra o problema de saber se o partido continua sendo ou não o partido que representa os interesses gerais da classe operária. Pode ser que não, que tenha passado ao campo inimigo. Como o estalinismo deixa de ser revolucionário? Porque passou para o campo da burguesia, se tornou contrarrevolucionário, é um caso notável de degeneração burocrática do partido de Lênin. Igual situação pode dizer da socialdemocracia.

A autocrítica é a única forma de evitar que se repitam os erros em um partido que está condenado a se equivocar uma ou outra vez, pela natureza de sua luta. Então, deve saber manejar com rigor a autocrítica e a crítica, mas há que entender a autocrítica não como a disposição despótica dos dirigentes, mas como produto da discussão e da própria superação política, da própria educação militante do partido. O exercício da autocrítica exige uma boa formação teórica e política.

8. Relação entre organização e programa

O programa é uma estratégia e uma tática, uma linha política. Como aplicar essa linha política a todas as conjunturas de constante mudança da situação do país? O partido se organiza para materializar o programa, para levá-lo ao seio das massas. A prática diária demonstrará como o próprio programa deve ser constantemente ajustado e como sua aplicação é sempre uma novidade, o mais dinâmico dentro da atividade do partido e este elemento tão dinâmico irá se converter em uma das alavancas para constante superação organizativa do partido. Não se pode esquecer que o elemento organizativo é o mais conservador e o mais perigoso, pode concluir atirando pela janela o partido enquanto direção da classe. Um partido que não é capaz de se autocriticar nos aspectos organizativos e políticos, pode caducar como organização destinada a consumir a revolução. Um partido que sai da clandestinidade e que não abandona indefinidamente os hábitos próprios desta etapa (alguns dirigentes que continuam ocultos) está condenado a abandonar sua qualidade de direção das massas. Por outro lado, uma organização que não é capaz de se adequar rapidamente à clandestinidade pode ser to-

talmente varrida do cenário pela polícia e deixará somente o programa, se este merece permanecer e para que outra organização o encarne. A organização é o aspecto conservador da atividade da equipe de revolucionários profissionais, sempre estão em atraso com referência às modificações da situação política. O segredo no funcionamento do partido consiste em que este abismo entre a organização e as mudanças políticas não sejam muito grandes, é preciso vencer esse abismo, ter muita atenção em modificar organizativamente o partido para adequá-lo às mudanças da situação política, para que o partido possa executar realmente sua linha política.

Não se pode esquecer que a organização é mais conservadora que o programa e que a política, e que a organização nesta atividade política é a forma do conteúdo que é o programa. Sendo que o conteúdo determina a forma, o programa condiciona a natureza organizativa, entretanto, não são diferentes, atuam um sobre o outro, de maneira que o excessivo retardo organizativo pode destruir e desvirtuar o conteúdo programático. A forma organizativa deve corresponder ao conteúdo programático.

O partido operário revolucionário da Bolívia foi estruturado em um longo período e vivenciou muitas dificuldades. De uma maneira geral, a tradição organizativa bolchevique foi se perdendo gradualmente nas fileiras do trotskismo internacional. Os bolivianos não puderam aproveitar outros antecedentes em seu empenho de pôr em pé um partido revolucionário; partindo do zero, tiveram que ir descobrindo tudo que já era história em outros lugares.

Este aspecto negativo do trotskismo boliviano se traduziu em debilidade organizativa e durante o “sexenio rosquero” (referência ao período de 1946 a 1952) se deu o caso surpreendente de que a avalanche massiva de novos militantes acabou dispersando a organização, que carecia de verdadeiros quadros e de uma rede para conter e educar as pessoas recém-chegadas. Outras vezes, trabalhos práticos que não guardavam proporção com a debilidade

organizativa se tornaram obstáculos na construção do partido.

Em 1985, aos 50 anos da fundação do Partido, este parece totalmente maduro, não somente enraizado nas massas, na história e na cultura do país, mas como forjador de uma teoria do partido político, que não é outra coisa senão a aplicação na realidade boliviana das ideias do marxismo.

